

---

## **Jornalismo e direitos humanos: um relato da produção da reportagem sobre os impactos do preconceito na vida de pessoas com HIV e AIDS<sup>1</sup>**

Leonardo Ribeiro DUARTE<sup>2</sup>

Cândida de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

### **Resumo**

Este trabalho apresenta um relato de pesquisa e de produção de uma grande reportagem sobre a história de seis pessoas vivendo com HIV e AIDS, sendo cinco residentes no Paraná e um no Amapá. A matéria focaliza as experiências de vida dessas pessoas desde o momento que descobrem o resultado da sorologia como positivo para HIV, as relações sociais, sobretudo as familiares, de amizade, as amorosas, no trabalho e a relação médico e paciente. A pesquisa documental retoma, de forma breve, o início da epidemia e as formas estigmatizantes que foram abordadas pela mídia e que, mesmo 40 anos depois do primeiro caso detectado, ainda têm impactos negativos na realidade de vida de pessoas soropositivas. Para as entrevistas, buscou-se adotar a perspectiva do diálogo possível proposto por Medina (1995) a fim de superar barreiras entre fonte e jornalista.

**Palavras-chave:** HIV e AIDS; preconceito; jornalismo; cidadania; políticas públicas.

### **Introdução**

Este trabalho consiste em um relato de uma pesquisa de conclusão de curso e a produção de uma grande reportagem na web (DUARTE, 2022), embasada nessa pesquisa, sobre a história de pessoas vivendo com HIV e AIDS. O foco da reportagem são os impactos causados pelo preconceito na vida dessas pessoas e nas relações sociais que elas estabelecem nas mais diferentes esferas sociais, incluindo âmbitos como trabalho, família, ambientes de saúde, amizades, relacionamentos amorosos e outros. A história de seis pessoas soropositivas, cinco delas residentes no Paraná e uma que residia no Amapá, constituem o fio condutor da narrativa construída na reportagem.

Com intuito de refletir sobre o processo de produção jornalística que tem como foco o tema HIV, este trabalho expõe os resultados da pesquisa teórica que fundamentou a produção da reportagem e os achados decorrentes do trabalho jornalístico, com

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da 18ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação - Intercom Júnior, evento que integra o 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 5 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: [leuarduarte55@gmail.com](mailto:leuarduarte55@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, professora no curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: [candidaoliveira@uepg.com](mailto:candidaoliveira@uepg.com)

---

destaque às situações enfrentadas pelas pessoas soropositivas e reconhecidas a partir das entrevistas. Além disso, visa contribuir com o debate e a conscientização do tema.

A opção metodológica consistiu em pesquisa bibliográfica sobre HIV e AIDS e sobre jornalismo, além de procedimentos jornalísticos específicos para produção da reportagem web: pauta, apuração (coleta de dados, entrevistas), decupagem, escrita, edição e publicação do produto final, com base em Pereira Junior (2010) e Medina (1995). O aporte teórico foi construído a partir de pesquisas e estudos históricos, comunicacionais e da área da saúde.

### **HIV e AIDS: um breve histórico**

O HIV é o Vírus da Imunodeficiência Humana que quando não tratado evolui para AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) que causa a deterioração do sistema imunológico do corpo humano com o vírus deteriorando a célula linfocítica T CD4+. A ausência de tratamento causa a infecção de doenças oportunistas, a exemplo a tuberculose, pneumonia e sarcoma de Kaposi<sup>4</sup> (FILHO *et al.* 2021).

Os primeiros casos de AIDS ocorreram nos Estados Unidos, na década de 1970, chegando ao Brasil nos anos de 1980 (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2000). No início da epidemia, a maioria das vítimas era constituída por homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína) e *hookers* (profissionais do sexo), o que levou à criação e uso, inclusive na área médica, de estereótipos - como a “doença dos 5Hs” - para se referir à AIDS e às pessoas vitimadas pelo HIV (BRASIL, *s. d.*, online), o que contribuiu para fixar preconceitos e estigmatizá-las. Além disso, segundo Bueno (2009), o imaginário social criado e fortalecido pela ciência e imprensa resultou na formação de um ambiente social predominantemente negativo para pessoas vivendo com HIV e AIDS, afastando-as do convívio familiar e social em geral.

Foi neste cenário que se elaborou o conceito de grupos de risco para restringir o contágio exclusivamente àquelas pessoas que apresentassem algum desvio de conduta: homossexuais e usuários de drogas. O fato, além de estigmatizar os doentes, criou uma falsa noção de que as pessoas que não se incluísem nestes grupos estariam livres da doença. (BUENO, 2009, p. 24).

---

<sup>4</sup> Doença que causa lesões em diferentes tecidos do corpo: pele, mucosas da boca e garganta.

---

Porém, já na década de 1990, Pollak (1990) alertou que os homossexuais apresentavam mais testes positivos do que outros grupos sociais justamente porque realizavam testes com mais frequência, e isso desde o surgimento do HIV e da AIDS.

Os primeiros medicamentos para o tratamento vieram alguns anos mais tarde, após a descoberta da infecção pelo HIV, dando uma sobrevida aos pacientes. Em 1985, o medicamento azidotimidina, conhecido como AZT, passou a ser receitado como medicamento efetivo para o tratamento médico, desta forma reduzindo a replicação do vírus no sangue (LOPES, 2021). O governo brasileiro, em 1990 passou a distribuir a medicação de forma gratuita, mas somente para quem tivesse desenvolvido a AIDS. Depois disso, o atendimento foi ampliado para agilizar o processo de acolhimento, reduzindo o comprometimento imunológico do paciente. Nas últimas décadas, a distribuição de testagens passou a ser ofertada à população como forma de combate à epidemia. Os medicamentos Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e Profilaxia Pós-Exposição (PEP) também são distribuídos de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) à população em geral, sem restrições, tornando o Brasil um modelo na prevenção e combate a epidemia do HIV (MINISTÉRIO... , *s.d.*, online).

Apesar das evoluções nos tratamentos médicos e o aumento de conhecimento sobre o vírus, falar sobre HIV e/ou AIDS ainda é tabu, o que dificulta o debate e a obtenção de informações básicas, como os primeiros cuidados médicos, a transmissão do vírus, os sintomas da doença, as formas de tratamento e as medicações disponíveis. Muitas pessoas sequer sabem que já existem remédios mais eficazes e que atuam hoje na prevenção da transmissão ao tornar a carga viral indetectável, ou seja, intransmissível para outras pessoas e com poucos efeitos colaterais para os pacientes.

A hostilidade social persiste e faz com que Pessoas Vivendo com HIV (PVHIV) neguem a própria condição sorológica como forma de evitar consequências negativas, advindas do preconceito, em suas vidas. Estigmas históricos, que associam a contaminação a comportamentos considerados imorais pela sociedade, ainda persistem, bem como a relação preconceituosa entre HIV e AIDS a gays, drogas, sexo e prostituição. Trata-se de uma estereotipização que a sociedade e a imprensa criaram no início da epidemia.

Os relatos revelam um grande receio dos pacientes. Demonstram medo com a exposição pública, preocupação com possíveis consequências

---

negativas dessa revelação em sua vida pessoal e profissional. E, partindo desses receios, muitas pessoas que vivem com HIV/Aids optam por viver sob total anonimato. (FALCÃO; GARBIN; KOIFMAN, 2020, p. 09).

Atualmente, profissionais da saúde e assistência social conversam com pacientes com objetivo de auxiliar na superação de preconceitos e do sentimento de culpa, muito comum, em relação ao diagnóstico. Mas o preconceito se mantém também pela invisibilidade do tema na mídia.

### **HIV no Jornalismo**

A aparente escassez de pesquisas e produtos jornalísticos no campo da comunicação é outra problemática que envolve o tema, em especial a representação das pessoas que vivem com HIV. Em um rápido levantamento de pesquisas acadêmicas desenvolvidas no curso de Bacharelado em Jornalismo, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), entre os anos 2000 e 2020, foi possível identificar que apenas dois trabalhos contemplam o tema: *HIV: histórias incríveis de vida*, de Hellen Andréia da Silva Bezerra (2014), e *Se não fosse o preconceito... Histórias dos soropositivos de Ponta Grossa*, de Marianna Bueno (2009). Essa invisibilidade, também nos estudos da área, também evidencia a necessidade de se abordar o tema, já que o jornalismo e a imprensa sempre tiveram papel na construção e disseminação de informações sobre HIV e AIDS, desde o início da epidemia.

A Aids pode ser um objeto do estudo para a análise da atuação jornalística já que é possível demarcar exatamente o início do percurso narrativo da Aids na imprensa, pois a doença tem sido noticiada antes mesmo que a ciência descobrisse do que se tratava (SANTOS; SILVA; OTAVIANO, 2018, p. 02).

Em relação à imprensa local, Duarte e Oliveira (2020) mostram que, em três portais de notícias *aRede*, *DC+* e *D’Ponta News* atuantes no município, o tema aparece esporadicamente e é explorado de modo superficial. De janeiro a fevereiro de 2022, os autores identificaram e analisaram 17 textos publicados nos três veículos que mencionaram os termos “HIV” e/ou “AIDS”. Destes, apenas duas notícias tinham como foco o HIV; em 14 matérias, a ênfase na abordagem era relacionada a informações gerais sobre a vacina contra a Covid-19; e um texto abordava curiosidades.

Tabela 01 - Menção ao HIV em matérias jornalísticas em portais de notícias em Ponta Grossa.

De que modo o HIV é mencionado na matéria?				
Veículo	aRede	DC+	D’PontaNew	Total
Citação para informar público geral	6	3	5	14
Menção ao HIV e/ou AIDS com enfoque no tema	1	0	1	2
Curiosidade	0	0	1	1

Fonte: Autoria própria

Os autores concluem que a abordagem jornalística inadequada e a invisibilização do assunto no jornalismo local repercutem a ausência tanto de políticas públicas quanto do debate no município e na região.

[...] cabe salientar que quando veículos jornalísticos pautam HIV e Aids ou temas relacionados sem a profundidade e a criticidade que tais assuntos requerem, o jornalismo tende a promover o que lhe caberia combater: descaso, humilhação, estigmatização, preconceito e invisibilidades. Desse modo, seu papel na construção de políticas públicas e garantia dos direitos de cidadania, assim como na promoção de conscientização dos problemas sociais fica comprometido. (DUARTE; OLIVEIRA, 2022, p. 04).

Diante disso é que procurou-se desenvolver a pesquisa e a grande reportagem na web, homônima, intitulada *Impactos do preconceito na história de pessoas vivendo com HIV e Aids* (DUARTE, 2022), detalhada nos tópicos seguintes.

### Sobre os procedimentos jornalísticos

A produção da grande reportagem relatada neste trabalho foi desenvolvida no formato online para ser publicada em diferentes plataformas, buscando uma maior circulação do material. Todas as etapas de apuração e produção jornalística, desde a pré-apuração, passando pela elaboração da pauta, apuração de informações propriamente dita, decupagem, elaboração do material, verificação de informações até chegar à publicação final, foram desenvolvidas com base nas orientações teóricas propostas por diversos autores (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009; PEREIRA JUNIOR, 2006; COIMBRA, 1993).

A partir deles, nota-se que a reportagem pode ser compreendida tanto como um produto jornalístico, como também um gênero discursivo, através do qual não apenas se narra algo, mas também há descrição e argumentação sobre o assunto, seja do ponto de

---

vista do autor, seja do ponto de vista das fontes. Essa forma de construção da reportagem faz com que ela seja contextualizada tanto pela voz dos personagens, pela descrição de lugares e ações narradas, quanto pela análise e interpretação de diferentes ângulos do assunto tratado.

Segundo Gonçalves, Santos e Renó (2015, p. 225-226):

Considera-se a reportagem como um dos gêneros discursivos mais perenes e flexíveis na história da humanidade. A flexibilidade e adaptabilidade do gênero, de acordo com o contexto e os meios, têm representado grandes desafios para os estudos dos gêneros jornalísticos. A reportagem, como espécie ou formato, possui diversas classificações.

Concomitante à pesquisa e contextualização do HIV e da AIDS, foi realizada uma pesquisa para identificar a melhor forma de tratar jornalisticamente o tema. Yenes (2004), citado por Santos, Gonçalves e Renó (2015), classifica a reportagem de quatro formas: objetiva, retrospectiva, investigativa e em profundidade. A reportagem objetiva possui característica de construção da narrativa partindo de entrevistas e de dados. A reportagem retrospectiva contextualiza informações do passado com base em dados do passado. A reportagem de investigação adota métodos avançados de apuração. A última forma de reportagem é a reportagem em profundidade que se aprofunda nos temas abordados buscando novos dados e argumentos para a construção da história.

Partindo desse ponto de vista, as abordagens de reportagem em retrospectiva e em profundidade melhor se qualificaram para o assunto abordado, visto que preveem etapas específicas de recuperação de histórias e dados do passado, fundamentais para contextualizar as experiências das pessoas vivendo com HIV e AIDS entrevistadas. Além dos dados estatísticos, os diferentes contextos de convívio social também são abordados partindo de casos concretos.

### **A relação entrevistado e jornalista**

Nas entrevistas jornalísticas foi usada a técnica da entrevista em profundidade semiaberta (DUARTE, 2010) que permite que a qualidade das respostas sejam mais proveitosas para o resultado final da narrativa. Jorge Duarte (2010, p. 64) o que define esse modelo é a “[...] flexibilidade e por explorar ao máximo determinado tema, exigindo da fonte subordinação dinâmica ao entrevistado”. Considerando a necessidade de uma abordagem ampla e humanizada, adotou-se o princípio da entrevista como

---

diálogo possível entre entrevistado e entrevistador, tal como preconizado por Medina (1995). “Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discute-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo” (MEDINA, 1995, p. 05).

Considera-se, pois, que há barreiras que podem impedir a fluidez de uma entrevista, tais como as relacionadas ao questionário ou às próprias relações pessoais e sociais. Referente ao tema HIV, a naturalidade de conversa entre entrevistado e jornalista nem sempre é atingida, visto que falar de sobre sexo e relações pessoais de aceitação ou preconceitos sofridos pode ser constrangedor.

Para Medina (1995), a entrevista jornalística como diálogo possível só é atingida quando ambos, jornalista e fonte, superam as barreiras de uma entrevista e que impedem e afastam ambos de ter uma boa conversa. Quando se estabelece uma certa intimidade, aí há uma relação humana. Como salienta a autora: “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (MEDINA, 1995, p. 08).

### **A seleção de fontes e a entrevista**

Devido ao tema sensível e ao medo da exposição, a seleção de fontes se deu por meio de voluntários que responderam a um questionário do Google Forms compartilhado nas redes sociais. Após um período com o formulário aberto, cinco fontes aceitaram participar da pesquisa, sendo um residente em Curitiba e quatro em Ponta Grossa. O pré-requisito para a seleção das fontes foi ser soropositivo há 23 anos ou menos, o que dava um contexto temporal do início do século XXI até hoje sobre o que é viver com HIV; ser familiar, amigo ou pessoa próxima de alguém que vive com HIV para mostrar pontos de vista de relações sociais de quem convive com PVHIV.

Além das fontes obtidas através do formulário, outra fonte inesperada foi selecionada para o trabalho jornalístico: uma pessoa residente no estado do Amapá, que se conheceu durante uma viagem acadêmica. Por acaso, foi possível observar que ela tinha proximidade com o tema da pesquisa e da reportagem.

As entrevistas tiveram como ponto de partida um roteiro de perguntas pré-elaboradas, mas que foi seguido de modo flexível, a fim de uma aproximação com a

---

fonte e com as informações que ela fornecia. As perguntas e respostas chegaram a resultar em relatos íntimos e subjetivos. Neste sentido, mesmo com o roteiro, foi possível estabelecer uma troca de experiências fortuita. Além disso, o fato de o jornalista compartilhar o diagnóstico positivo para HIV contribuiu para gerar confiança.

O roteiro principal de perguntas era formado por aproximadamente 30 perguntas. As principais eram direcionadas à descoberta da sorologia positiva para HIV, aceitação, relações familiares, de amizade, relações amorosas, relação médico e paciente, e preconceitos. Em relação a amigos ou familiares, as questões versavam sobre o acolhimento familiar e as reações percebidas quando do diagnóstico. Quando as fontes eram especialistas sobre o assunto, as perguntas eram mais específicas, voltadas à área de profissão ou trabalho do entrevistado.

As entrevistas foram realizadas em diferentes locais: espaços públicos, praça de alimentação, residência da fonte, ambiente universitário e à distância, por meio do Google Meet. A gravação foi permitida por todos os entrevistados, sem quaisquer intimidações de ambos os lados. Também se fez uso de anotações durante as entrevistas.

### **A produção e estrutura da reportagem**

A grande reportagem intitulada *Impactos do preconceito em histórias de pessoas vivendo com HIV e Aids* (DUARTE, 2022), publicada na plataforma gratuita *Medium*, possui sete capítulos que contam histórias de pessoas que vivem ou viviam com HIV, a partir de relatos delas próprias ou de seus familiares. A reportagem também traz depoimentos de especialistas da área que explicam sobre a doença e o vírus, além de relatos de situações sobre como é ser PVHIV nos diferentes ambientes sociais: em locais de saúde, na convivência com a família, no trabalho, na relação de amizade e em outras situações e locais. Na apresentação dos personagens, utilizou-se o anonimato a fim de preservar a identidade da fonte, garantindo assim que não houvesse nenhum tipo de discriminação posterior à publicação do texto.

O primeiro capítulo, “A descoberta da sorologia positiva”, traz relatos sobre as emoções: do medo ao desespero, passando pela angústia e aceitação do diagnóstico ao descobrir a sorologia positiva para HIV. Os personagens da história são Beto, Caio, Bruno e Bello, nomes fictícios utilizados para preservar a identidade dos entrevistados.

---

O segundo capítulo, “Laços sociais que fazem a diferença”, tem como foco as relações de amizade, familiares e amorosas que podem ser positivas quando se forma uma rede de apoio, como é o caso de Dona Vera que acolheu o irmão, Lauro, ou negativas, como aconteceu com o primo de Cláudia que contou a situação de desamparo em que ele se encontrava.

O terceiro capítulo, “O preconceito de cada dia no trabalho”, mostra a rotina comum dos personagens em seus ambientes de trabalho e o esforço de esconder a sorologia por medo de demissão, de suportar comentários preconceituosos ou fofocas diante de situações comuns como compartilhar objetos, e de perceber o sentimento de pena por parte de colegas.

“Quando o sistema de saúde falha” é o título do quarto capítulo que expõe um sistema de saúde atravessado por preconceitos que se mostram em procedimentos de rotina, como uma simples consulta, e na negligência médica ao atender um paciente.

No quinto capítulo, “A difícil interação nas redes sociais digitais”, apresenta-se o relato de situações e interações nas redes sociais, como a formação de rede de apoio para tirar dúvidas e para acolhida em momentos de fragilidade, por um lado, e relatos sobre o ambiente de disseminação de intolerância, ódio e desinformação, por outro.

O sexto capítulo, intitulado “O aumento de casos de HIV e AIDS no Brasil e no Paraná”, expõe dados sobre a atual situação da epidemia de HIV no país, os avanços científicos e os cortes orçamentários do Governo Federal, em 2022, para políticas públicas de combate a doenças sexualmente transmissíveis.

Finalizando a reportagem, o título do último capítulo - “A vida não acaba” - sintetiza a mensagem de apoio que as fontes entrevistadas deixam para quem vive com HIV e AIDS.

Ainda para preservar a identidade das fontes, optou-se pelo não uso de áudios e nem de imagens das fontes. Para as ilustrações foram usadas fotografias vazias do cotidiano e depois foram inseridas nelas as ilustrações de personagens, de autoria de Levi de Brito, estudante do curso de Jornalismo da UEPG. As imagens narram diferentes momentos de PVHIV em consultas, parques, ambiente de trabalho e outros, contextualizando a reportagem e dando uma percepção visual da rotina comum que também marca a vida dessas pessoas.

---

## Considerações Finais

O fato de um dos autores deste trabalho ser PVHIV e o compartilhamento de sua condição durante as entrevistas aproximou as fontes que se sentiam distantes. Com as fontes que já eram próximas, a relação se tornou mais afetiva. A troca de experiências e sentimentos em situações que envolvem aceitação, relação familiar, amorosa e de trabalho mostram que as reações podem ser diversas e que variam de acolhimento, aceitação, rejeição ou medo, como ao se expor a sorologia.

É unânime a reação de medo, desespero, pavor, insegurança e morte entre os entrevistados ao descobrirem o resultado da sorologia como positivo para HIV. Os sentimentos demonstram que a estigmatização de PVHIV, mesmo depois de 40 anos do primeiro caso detectado, ainda persiste. A reportagem mostra que a construção discursiva pejorativa sobre o tema, a vergonha e o medo ainda podem causar a exclusão dessas pessoas da sociedade, dificultar a discussão de políticas públicas e até mesmo a testagem e aplicação de exames na população.

A partir dessa experiência, é importante lembrar que, desde o surgimento do HIV e da AIDS, o jornalismo pautou e disseminou informações, mesmo que de forma esporádica (SANTOS; SILVA; OTAVINO, 2018), assim como foi também responsável pela construção de estereótipos em torno do tema, cristalizando preconceitos. Contudo, o jornalismo também possui importância e responsabilidade social na desconstrução dos estigmas sociais associados ao vírus, à doença e a quem é vítima. Cabe ao jornalismo comprometido com os direitos humanos informar e debater sobre as políticas públicas de acesso à saúde, acolhimento e testagem para que a epidemia de HIV e AIDS seja combatida, assim como a epidemia do preconceito que igualmente pode ser fatal.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **História da Aids**. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Distrito Federal, Brasília, 01 de dez. de 2021. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/historia-aids-linha-do-tempo>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BIZERRA, Hellen Andréia da Silva. **HIV: histórias incríveis de vida**. Orientadora: Paula Melani Rocha. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Jornalismo, Departamento de Jornalismo. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa. 2014.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, n. 34, ano 2, p. 207-217, mar-abr 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/zBSKHBDyfvfz7cLQp7fsSBg/>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BUENO, Marianna. **Se não fosse o preconceito...** Histórias dos soropositivos de Ponta Grossa. Nov. de 2009. [Livro-reportagem].

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 61-83.

DUARTE, Leonardo Ribeiro. **Impactos do preconceito em histórias de pessoas vivendo com HIV e Aids**. Medium, Ponta Grossa, 20 dez. 2022. Disponível em: <https://medium.com/@oduartinho/impactos-do-preconceito-em-hist%C3%B3rias-de-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-7f1bdf51b685>. Acesso em: 09 de dez. de 2023.

DUARTE, Leonardo Ribeiro; OLIVEIRA, Cândida de. HIV na imprensa pontagrossense: uma análise de notícias publicadas nos portais *aRede*, *DC+* e *D’PontaNews*. XXXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Intercom Sul, Balneário Camboriú, SC, 16 a 18 de junho de 2022. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2022/resumo/0529202221150562940c899db91>. Acesso em: 05 de nov. de 2022.

FILHO, F. H. W. M. N. *et al.* Análise das Principais Infecções Oportunistas no HIV: Uma Revisão Bibliográfica. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, set. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.51161/rem/2143>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos; RENÓ, Denis Porto. Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 130, p. 223-242, dez. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16057395015>. Acesso em: 09 jun. 2023.

LOPES, Pablo de Oliveira. HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 50122 - 50134, mai. 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/30028/23651>. Acesso em: 09 jun. 2023.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995. 97 p.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a Aids**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

SANTOS, Lucas de Almeida; SILVA, Lucas Comine Frades; OTAVIANO, Cristiano. Análise da cobertura jornalística da AIDS/HIV pelo portal G1 durante os dois primeiros meses de 2018. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Belo Horizonte, MG, 7 a 9 de junho de 2018, Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0967-1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2023.